



MACUJÉ

Pedro Henrique Gomes da Paz (UFPB)

Resumo:

O ensaio visual "Macujé", de Pedro Paz (PPGA/UFPB), resulta de sua pesquisa de doutorado sobre a agência da emoção saudade nas redes e malhas da vida de duas adolescentes que perderam a mãe no evento crítico (Veena Das, 2023) e catastrófico (Povinelli, 2024) da sindemia (Singer, 2009) da covid-19 em Pernambuco. As oito imagens, capturadas em julho de 2025, no Engenho Macujé, em Jaboatão dos Guararapes (PE), são concebidas como dispositivo performático que evoca a saudade – categoria nativa central – como rito visual de reintegração territorial. O ensaio mobiliza a teoria ator-rede de Latour (2012), que recusa a separação entre humanos e não-humanos, e o conceito de malha, de Ingold (2015), que pensa a vida como linhas de crescimento entrelaçadas. Assim, documenta como a adolescente e seu pai, migrantes do Sertão, apropriam-se das ecologias locais para fabricar pertencimento, ressignificando o Engenho Macujé, fundado em 1759, para além de suas marcas coloniais. Além disso, o pai, de fenótipo indígena e de possível ancestralidade Caeté, povo dizimado a partir de 1560, encarna a sobrevivência diaspórica em território onde hoje não há terras indígenas reconhecidas. Dialogando também com a ecologia decolonial de Ferdinand (2022), o trabalho expõe o racismo ambiental como estrutura constitutiva da modernidade. Apesar disso, as imagens evidenciam a reciprocidade como princípio cósmico (Nego Bispo, 2015), sem descolamento da terra (Krenak, 2019), sem extrativismo (Kopenawa, 2015). No território, como em Bataille (1949), o luto e a saudade comparecem como "parte maldita", excesso que escapa à economia utilitarista e funda novas alianças. Sendo assim, o ensaio performa uma antropologia implicada, recusando separar sofrimento e agência, ruína e recriação, provando que mesmo no que parece parado, seguem-se tecendo redes e malhas.

O ensaio visual "Macujé", de Pedro Paz (PPGA/UFPB), emerge de pesquisa de doutorado que investiga a agência da emoção saudade nas redes e malhas da vida de duas adolescentes em luto pela mãe, vítima do evento crítico (Das, 2023) e catastrófico (Povinelli, 2024) da sindemia (Singer, 2009) da covid-19, em Jaboatão dos Guararapes (PE). As oito imagens, capturadas em julho de 2025 no Engenho Macujé – fundado em 1759, no auge da indústria canavieira colonial –, são concebidas como dispositivo performático que evoca a saudade como rito visual de reintegração territorial. O ensaio mobiliza a teoria ator-rede



de Latour (2012), que recusa a separação entre humanos e não-humanos, e o conceito de malha, de Ingold (2015), que pensa a vida como linhas de crescimento entrelaçadas. No engenho, a saudade é agência distribuída que emerge da associação entre a adolescente e actantes que modulam a saudade, reinscrevendo o luto no território, após migração do Sertão para Jaboatão, costurando linhas que se cruzam com ruínas coloniais e histórias de violência racista – o que Ferdinand (2022) identifica como a matriz do racismo ambiental que estrutura a modernidade colonial. O pai, de fenótipo indígena e provável ancestralidade Caeté – povo Tupi dizimado a partir de 1560 –, encarna a sobrevivência diaspórica em território onde hoje não há terras indígenas reconhecidas. As imagens evidenciam a reciprocidade como princípio cósmico (Nego Bispo, 2015): a terra não é recurso, mas sujeito com quem se negocia a vida. Em Krenak (2019), a crítica ao descolamento humano da terra ressoa na aversão do pai ao meio urbano. Kopenawa (2015) adverte que o colapso dos mundos decorre da ganância extrativista, o contrário que os interlocutores praticam. O luto e a saudade, em Bataille (1949), comparecem, nas fotografias, como "parte maldita": excesso que escapa à economia utilitarista e funda novas alianças entre humanos, animais, plantas e terra.